

Restolho

Nadando se Nada

Estive horas e mais horas para dizer isto. E aquilo. E, depois, por perceber que de certo modo era um privilegiado, face a outros que estavam materialmente pior, psiquicamente pior, conformei-me, continuei o meu caminho.

Andava à toa, deixara de fumar, as dores de cabeça era quase incontroláveis, incontroláveis, para arrancar as raízes de tanto vício, se bem que fosse apenas um maço para dois dias, era atroz. Simplesmente atroz. Imagino (ou não quero saber, imaginar tão pouco) a toxicodependência. Já fumara um charro, por duas vezes. Era como o uísqui, de tão forte, nada me causava, nem sequer ressaca, por isso eu optava por não consumir, nem um nem outro registo da realidade mental subjetiva...

Lembrei-me de dois filmes em particular, depois de acabar uma *Guttbear* (não havia orçamento para mais senão estes panachés), *Smoodog* e *The Great Lebowski*, que sucintamente tratavam da vida de dois bêbados e toxicodependentes, que tinha uma certa particular visão da vida, da existência, da sua relação com os outros e o mundo. Era um mundo à parte. Entretanto, a Ucrânia marcava golo no jogo contra a Roménia. Estava um calor intenso, quase sufocante. Era tempo de fogos, eis Pedrógão na liça das notícias, consta no jornal que o presidente Marcelo foi visitar o mural das vítimas da tragédia de já alguns anos. Liguei para os meus, só para me certificar de que estavam bem. Eu lá continuava, fumando menos, cada vez menos. Talvez a chama se extinguísse de vez e eu aparecesse vivo, do outro lado. Porque gostava cada vez mais de viver de estar deste lado (de cá) da vida...

O jogo acabara: Mais logo, Portugal, que ainda podia ser operado. Mas o busflis era que não dependia de si...

Lá fumei mais um, uma ponta, meio cigarro, que deixara para ir à Missa. Sentia-me bem dentro da Igreja, não só porque me fazia lembrar outros tempos de grande felicidade, de descoberta, primaveris, mas porque, efetivamente, eu falava com Deus, sim, falava com Deus e com o Cristo, num registo algo peculiar, ou seja, ouvindo os negros que na Igreja ao lado vociferavam a sua fé, quem sabe para expulsar muitos

demónios acumulados no dia a dia. Ou seja, as relações sociais tanto nos salvam quanto nos escravizam, estamos uns para os outros, condenado a aturarmo-nos até ao fim, sendo que não há fim para isto, a não ser que morra o último homem, a última mulher, o último neutro que é construção social...

Victor Mota